

Entrelaços

UM JEITO SINGULAR DE VER O MUNDO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA | ED 01 2018

LEIA
PÁGINA 10

ENTRELAÇOS

um jeito singular de ver o mundo

SUMÁRIO

CULTURA | 04

Entre retalhos, ritmos e cores

NOSSA VOZ | 06

E se o padrão fosse ser diferente?

ESPORTE | 07

Foi dada a largada

EDUCAÇÃO | 08

A educação por trás do amor

ESPECIAL | 10

A arte de florescer

12 | FAMÍLIA

Sabores e histórias

13 | FAMÍLIA

A inclusão no dia-a-dia

14 | MEMÓRIAS

Meu lugar é aqui

16 | A ASSOCIAÇÃO

Há 40 instruindo para vida

18 | A ASSOCIAÇÃO

Profissão: orientadora educacional

19 | PATROCÍNIO



ENTRELAÇOS
revientrelacos@gmail.com

A ASSOCIAÇÃO | APAE
BR 280, 1540
Tel. 47 3644.9635

DIREÇÃO
Jussara A. Rosário dos Santos

ORIENTAÇÃO
Adriana A. Pscheidt Maros

COORDENAÇÃO
Marília Crispi de Moraes
Thaline Cardoso

EDITOR CHEFE
Ailton José Schroeder

EDITOR EXECUTIVO
José Edemar Benda

FOTÓGRAFOS
Erick Rubens Ottomeyer
Juliana Franchake

REPÓRTERES
Maricléia de Fátima L. Santos
Eliane Aparecida da Silveira
Roberta Rodrigues de Lima
Sueli Aparecida Groeber
Regiane de Moraes
Rúbia Machado
Pedro de Carvalho

DESIGN | ARTE
Mk Design
Paulo Neto

DISTRIBUIÇÃO
170 exemplares
Membros | Familiares

IMPRESSÃO
Gráfica Futura
Tel. 47 3643.0500

REALIZAÇÃO
Bom Jesus | Ielusc
Associação | APAE

EDITORIAL

Poucas vezes - como esta - encontram-se trabalhos que desafiam tanto os que aplicam quanto aqueles que aprendem. Durante três meses, foram pensadas e repensadas formas de ensinar o jornalismo a um grupo de 11 alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), em Rio Negrinho. O que surgiu em uma das aulas da Faculdade, como uma alternativa de comunicação, tomou proporções inimagináveis. Esse projeto ensinou, acima de tudo, solidariedade, amor e respeito às singularidades das pessoas.

Na medida em que os fatos foram ocorrendo, após uma reunião com a orientadora e professoras, começaram a se construir novas formas de narrativa para dar voz às pessoas com deficiência. Os alunos aprenderam como entrevistar, formular perguntas e escrever para que essa revista chegasse até você, leitor. Erramos e tropeçamos até chegar a este resultado, mas foi conhecendo um ao outro que estabelecemos formas para alcançar todos os objetivos deste trabalho.

Se, por um lado, é dever da imprensa acompanhar os fatos relacionados às esferas sociais, é sua função, por outro, proporcionar uma reflexão sobre as realidades não conhecidas pelas pessoas. O jornalismo pode e deve auxiliar a romper os rótulos impostos às pessoas com deficiência, como a incapacidade de realizar funções. O que se viu, durante a produção desta revista, foi exatamente o contrário: os alunos da Apae sugeriram nomes, temas, entrevistados e cores para este produto. Falaram em não ouvir apenas a sua voz, mas a de todos que os rodeavam. Para isso, a revista traz temas para famílias, alunos e funcionários. Caso você ainda não conheça como é uma associação como essa, convido a viajar nas páginas escritas pelos repórteres.

Esta revista foi desenvolvida como projeto experimental para a conclusão do curso de Jornalismo na Faculdade Ielusc e será avaliada por um grupo de professores. Mas, para além de ser um trabalho acadêmico, possibilitou compreender a importância de se aproximar das comunidades, algo que o jornalismo deve sempre priorizar em suas coberturas. Pessoas com deficiência são tão merecedoras de espaço como quaisquer outras. Esta revista pretende colaborar com a compreensão da realidade que construímos ao longo da vida.

Boa leitura!

CULTURA

ENTRE RETALHOS,
ritmos e cores

FOTO: JULIANA FRANCHAKE

PEDRO DE CARVALHO
MARICLÉIA DE FÁTIMA

Separar tecidos, fios e agulhas. É assim que a rotina das alunas Veridiane Gonçalves de Andrade, Daniele Oliveira e de Bárbara Chapieski inicia. Seus trabalhos são responsáveis pela base dos artesanatos e já deram vida a colchas, enfeites de cabelo e acessórios para cadernos.

Foi para isso que a arte, em especial a tapeçaria, entrou na vida de Veridiane, 36, há um ano. Ela conta que já presenteou os colegas com os tapetes e está no caminho de finalizar mais um. “Não posso falar para quem é, pois é segredo”, lembra. “Acho que ela vai gostar muito, a cor que eu escolhi é verde. Quem não gosta dessa cor?”

Segundo Catarina Aparecida de Andrade, 34, professora, o artesanato promove uma terapia para as pessoas com deficiência. Os alunos não trabalham apenas com as ferramentas, mas estimulam as habilidades e autonomia. “A melhora é vista rapidamente, temos um aluno que, com apenas 20 dias aqui, já bordou um tapete, coisa que ele nunca havia feito”, ressalta.

Para que os alunos tenham contato com essas oficinas, é feita uma seleção, levando em conta o tempo que fica na unidade e a produtividade da pessoa. No início de cada ano é realizada uma reunião para discutir quais artesanatos que eles pretendem fazer. Isso já possibilitou o aprendizado de cestaria, tapeçaria, pintura, costura de fuxicos e papel reciclado. Como uma troca, cada

aluno aprende com o outro e o que é produzido é vendido para pagar despesas de viagens recreativas. “Feliz é aquele que sabe e passa o ensinamento e feliz também é aquele que aprende”, comemora a professora.



Feliz é aquele
que sabe e passa
o ensinamento
e feliz também
é aquele que
aprende

Catarina Aparecida
de Andrade

PROFESSORA

Em outra sala, Daniele, 25, costura com cuidado os círculos que vão virar bonecas de fuxico. Foi através do artesanato que encontrou uma forma de se comunicar com os outros. “Eu ficava com vergonha das pessoas, foi aprendendo a fazer as bonequinhas que consegui fazer amigos”, explica com o sorriso no rosto. Para a professora de Daniele, Marli Terezinha Cavalheiro Senn, nesses 22 anos que trabalha com a educação especial, a diferença está na forma de ensino. “Acompanhei alguns deles desde pequenos e agora percebo uma grande melhora na coordenação motora”, comenta.

Os benefícios também são direcionados aos professores, pois o convívio com os alunos promove um bem-estar sur-

preendente. “Ver eles felizes contagia o nosso dia, sempre quando chego deixo os problemas para fora daquele portão”, conta Marli.

Trazendo os círculos recém-cortados para mostrar aos repórteres, Bárbara, 21, ensina quais são os próximos passos que devem ser feitos. “Como eu cortei torto desse lado, a pessoa vai ter que puxar mais a costura. Depois ela leva para a professora para colar, com jeitinho tudo fica bonito”, fala.

QUANDO O ASSUNTO É MÚSICA

A música é algo comum das salas de aula da Apae. Embalados pelo rádio, os alunos produzem artesanato, cochilam e dançam. Mas, para Jonathan Rainan Martins Correia, ela serve como uma companheira, já que há alguns meses começou a tocar violino. Com o instrumento em mãos, conta que não precisa que marquem as posições das notas, algo que é feito aos iniciantes, pois, de tanto tocar, já decorou. “Eu ficava com vergonha de contar que eu tocava, mas quando falei todos gostaram. Quero e vou tocar em algumas apresentações da Apae”, garante.

Que dançar faz bem para a saúde, todo mundo sabe, mas é no ginásio da Apae que isso vai além do bem-estar físico. É só colocar um vídeo de zumba que os alunos se arrumam em mais uma festa. É com o pagode “Dança da Vassoura” que Arnaldo deixa a timidez de lado. Imitando os gestos, chama os colegas para dançarem com ele. “Vamos dançar! É a música que gostamos”, chama.



E SE O PADRÃO FOSSE SER diferente?

SUELI APARECIDA GROEBER

Muitas das reivindicações das pessoas com deficiência já teriam sido atendidas. Mas enquanto isso não ocorre, para defender os direitos das pessoas com deficiência intelectual e múltipla, a Apae de Rio Negrinho conta, há seis anos, com o grupo dos Autodefensores. A função deles é sugerir ações que aperfeiçoem o atendimento e participação dos alunos da entidade e em todas as áreas da sociedade.

O movimento de Autodefensoria surgiu em 2001, pela Federação Nacional das Apaes, e busca desenvolver na pessoa com deficiência mudanças nas condições familiares ou educacionais. Com isso, as pessoas com defi-

ciência são respeitadas como seres humanos, distanciando-se a imagem constantemente ligada ao assistencialismo.

Atualmente o grupo possui 21 alunos e um casal titular é selecionado para representar todos da unidade. Maricléia de Fátima Lima Santos, 24, e Ailton André Schroeder, 38, são os responsáveis neste mandato. “A escolha do casal para representar a todos que frequentam a entidade é uma proposta do movimento e cada mandato tem duração de três anos.

Além do trabalho na entidade, os Autodefensores participam de um encontro estadual, onde é eleito um representante para participar do encontro Nacional”, comentam as professoras Roseli Knop e Catarina Aparecida de Andrade,

que coordenam o movimento.

Para Pedro de Carvalho, 31, o comprometimento com o grupo já rendeu momentos especiais no último encontro. “Fui escolhido para ser o representante regional e fiquei muito contente”, lembra. “Recebi muita festa quando cheguei aqui, com balões e tudo”. Para André, representante atual, tudo é novo. “Ainda estou me acostumando a falar no microfone, agora não fico tão nervoso como era no início”, conta. Em Santa Catarina, a Semana da Autodefensoria é realizada todos os anos, sempre na segunda semana do mês de julho, em cumprimento à Lei Estadual nº 16.327, que integrou o evento ao calendário oficial do estado.

AS REIVINDICAÇÕES

José Edemar Benda, 52, que foi primeiro autodefensor, conta que a principal reivindicação, na época, foram as rampas para aumentar a mobilidade dos deficientes físicos. “Tive a oportunidade de expressar a minha opinião, pois já que sou cadeirante tinha locais que eu não conseguia ter acesso”, conta. Outra solicitação do grupo, também atendida, foi a aquisição de um ônibus, com adaptação para cadeirantes, para o deslocamento dos alunos. “Vínhamos com uma empresa de transporte e teve até uma vez que o ônibus quebrou, aí vimos que podia ser feito algo”, aponta José.

Paralelo ao trabalho que realiza dentro da entidade, o grupo também atua para diminuir o preconceito que a maioria das pessoas com deficiência enfrenta nas atividades do dia a dia. “Aprendemos no grupo que devemos ser respeitados pelo que somos e para isso estamos aprendendo os nossos direitos e explicando para aqueles que não sabem”, fala André.

FOI DADA A LARGADA

FOTO: ERICK RUBENS OTTOMEYER

ROBERTA RODRIGUES LIMA

Dados do IBGE apontam que mais de um quinto dos brasileiros se declara deficiente – o que totaliza 45,6 milhões de pessoas. As deficiências mais frequentes são as visuais, físicas e auditivas. Ter alguma limitação, no entanto, não é motivo para deixar de se movimentar.

Segundo Ciumara Furtado, professora de Educação Física, movimentar-se é um benefício para qualquer pessoa, com ou sem deficiência. Ela também ressalta que nas atividades são realizadas estimulações com objetos, dança e brincadeiras. “Tentamos a interação com todos, respeitando os limites de cada um”, lembra. “Com um cadeirante, por exemplo, nós o tiramos da cadeira e colocamos em um colchonete para que possa ter um contato com outro ambiente.” Mas não são todos os alunos que

se identificam com as atividades. Para estes são colocadas vídeoaulas com zumba e eles dançam a sua maneira. “O que eu mais gosto é das danças. No início fico tímido, mas aí me escondo no meio dos outros e não paro até acabar a música”, conta Marcos Siedel.

Em parceria com o posto de saúde do município foi criado também o Projeto Qualidade de Vida – Mexa-se. Foram criadas equipes de paradesporto, onde a unidade participa com mais 12 alunos representando a região nordeste do estado. “Com essa união, formamos equipes de atletismo, futebol e tênis de mesa”, conta a professora. Com as classificações nesta categoria, os alunos vão para a etapa nacional. Também há atividades recreativas para diminuir o nível de obesidade dos alunos. “Focamos, nesses últimos anos, ainda mais na qualidade de vida. Então esses alunos são levados para fazer caminhadas e acompanhamento médico”, ressalta.



autoestima
integração social



prevenção de
deficiências secundárias
fortalecimento muscular

Apesar dos incentivos, a unidade ainda carece de materiais como bolas e dardos para inserir novas modalidades de participação. Entretanto, já começaram os treinamentos de atletismo, nos quais alunos correm de 100 aos 200 metros. É o caso de Regiane de Moraes, 33, que escolheu o atletismo como uma de suas atividades favoritas. “Eu participo também das danças, mas, quando corro, fico muito feliz. Sou a mais rápida de todos”, garante.

EDUCAÇÃO

A EDUCAÇÃO POR TRÁS DO *amor*

FOTO: JULIANA FRANCHAKE

REGIANE DE MORAES
MARICLÉIA DE FÁTIMA

Na Apae, um dos pilares do desenvolvimento é a educação. É em atividades recreativas que a professora Francine Danielle Luko realiza aos alunos aulas de relaxamento, artesanato e cuidados diários. A programação é feita no início de cada semana, mas ao longo dos dias é readequada conforme as necessidades dos alunos.

“Todas as manhãs sento e discuto com eles quais serão as atividades. Como aqui estimulamos a autonomia, o aluno que não gostou é direcionado a outra atividade”, comenta. Ela conta também que, promovendo essas ações, os alunos sentem-se mais à vontade para conversar com os colegas. Assim é possível saber se algo está indo bem em casa. “Quando percebo que o aluno está muito retraído, algo está errado. É nesse momento que tiramos a hora

para o descanso”, ressalta. As cadeiras e mesas são afastadas e dão lugar a colchonetes. Tem até alunos que chegam a dormir no processo.



Agora me olho
no espelho e
tento enxergar
coisas bonitas
em mim

Bruna Kerscher

ALUNA

Outra ação promovida pelas aulas é o currículo funcional, que basicamente ensina aos alunos noções higiene,

alimentação e atenção emocional. “Eles são orientados a aprender sobre isso, pois haverá um momento em que eles não terão o auxílio dos pais e familiares fora da Apae”, lembra. “Como eles já passaram da época de alfabetização, muitos não a possuem. Mas se você pedir para eles irem na lista e verem quem é o ajudante do dia eles vão te falar. Cada armário deles é identificado com foto e nome para facilitar ainda mais esse aprendizado”.

Para a aluna Bruna Kerscher, aulas ligadas à atenção emocional possibilitaram a ela enxergar-se de outra forma. “Agora me olho no espelho e tento enxergar coisas bonitas em mim”, fala. “E faço isso também com os meus colegas, quando elogio torno o dia deles mais feliz”. O mesmo ocorre com Antônio Fernandes, que aplica em casa o que aprende em sala. “Quando soube que hoje teria foto, tentei fazer a minha barba, sozinho. É importante cuidarmos da nossa aparência, pois assim as pessoas vão querer falar com você”, garante.



ESPECIAL

A ARTE DE *florescer*

FOTO: JULIANA FRANCHAKE

ELIANE APARECIDA



Regar as plantas, adubar e sentir a terra entre as mãos. Parece simples, mas para as pessoas com deficiência o jardim terapêutico vem se tornando um novo espaço de experiências. Na Apae, ele é utilizado como fim pedagógico, pois auxilia no desenvolvimento dos sentidos do corpo dos alunos, e a consciência ambiental.

Segundo Daniela Pscheidt Behr, 34, terapeuta ocupacional, a iniciativa surgiu com o edital do ano de 2015 do Fundo de Infância e Adolescência, (FIA). “Quando recebemos a notícia que o projeto havia sido aprovado ficamos extremamente contentes”, lembra.

Após três anos, o lugar recebeu cores e formatos. Foi através de um mosaico com tampas de garrafa pet que os alunos sentem as texturas. “Durante esse processo pedimos aos alunos que fechem os olhos e que digam o que estão sentindo”, ressalta.

Pedimos aos
alunos que
fechem os olhos
e que digam
o que estão
sentindo

Daniela Pscheidt Behr

TERAPEUTA OCUPACIONAL

Os efeitos são notados também nas ervas aromáticas, que entram através das células sensíveis que cobrem as passagens nasais, chegando direto para o cérebro. Desta forma, tais ervas afetam as emoções. As espécies mais utilizadas são o alecrim; hortelã; manjeriço; salsinha; cebolinha e gengibre.

É cuidando de uma suculenta que Juvenal Pereira, aluno, estimula o tato. “Não pode dar muita água para elas, pois corre risco de ela morrer”, frisa. Com preocupação, ele avisa a todos que chegam próximo ao jardim que já a regou. “Me preocupo com ela e sempre quando posso faço uma visita.”

A preocupação na construção do jardim também foi com a segurança e acessibilidade. “Pensamos muito nesse sentido, temos alunos cadeirantes e idosos”, comenta a terapeuta. As plantas e objetos sensoriais foram colocadas na altura em que todos possam alcançar. “Para aqueles que pretendem descansar temos até uma rede”, brinca.

O QUE É O FIA?

O Fundo de Infância e Adolescência é responsável pela aprovação de projetos que atendam a população infantil juvenil. Ele é composto, principalmente, pelos recursos: públicos em geral, inclusive os repasses realizados pelo Poder Executivo e doações de pessoas físicas e jurídicas, sejam elas em bens materiais, imóveis ou recursos financeiros.



TATO

texturas e plantas



AUDIÇÃO

repuxos d' água



PALADAR

temperos e alimentos



OLFATO

aromas



VISÃO

cores



SABORES E HISTÓRIAS

SUELI APARECIDA GROEBER



“Lembro da minha mãe preparando as comidas e foi através disso que me encantei pela culinária. Gosto de ver os alunos da Apae reunidos no refeitório, pois lembra muito as reuniões de família. Acho que, mesmo depois de eu sair daqui, será impossível não lembrar dos rostos alegres de cada um. Essas memórias são as que também tento transmitir no que cozinho, pois quando é feito com amor dificilmente dará errado.”

Risoto de frango

INGREDIENTES

FILÉ DE PEITO DE FRANGO DESCONGELADO
1 CEBOLA DESCASCADA E PICADA EM CUBOS PEQUENOS
1 COLHER DE SOPA DE AZEITE
ARROZ BRANCO CRU
3 COLHERES (SOPA) DE CHEIRO-VERDE
4 XÍCARAS DE ÁGUA FERVENTE
1 XÍCARA (CHÁ) DE GRÃOS DE MILHO VERDE COZIDOS
SAL A GOSTO

MODO DE PREPARO

EM UMA PANELA, AQUEÇA BEM O AZEITE E ADICIONE AS TIRAS DE FRANGO;
JUNTE A CEBOLA E REFOGUE NOVAMENTE;
ACRESCENTE O ARROZ;
QUANDO COMEÇAR A GRUDAR NO FUNDO DA PANELA, JUNTE A ÁGUA FERVENTE E O SAL.;
COZINHE EM FOGO BAIXO;
JUNTE MILHO VERDE QUANDO O ARROZ ESTIVER QUASE SECO;
MISTURE OS TEMPEROS E SIRVA EM SEGUIDA.

TEREZINHA DOS SANTOS DUMS
cozinheira da Apae

A INCLUSÃO NO DIA A DIA

TEXTO ESCRITO POR UMA MÃE

Ser mãe ou pai é uma tarefa desafiadora e surpreendente por si só. Mas, quando se descobre que um filho não poderá enxergar, andar ou que terá outras limitações, é preciso doses especiais de amor, coragem e empenho para assegurar que ele se desenvolva da melhor maneira possível. Foi em cada dia com meu filho que aprendi isso na prática. Nem tudo foram flores, chorei e tive que vencer cada desafio por nós dois.

Meu pequeno, como o chamo, foi esperado com muito amor desde que eu soube que estava grávida. Passado o tempo de gestação, quando foi feita a cesárea, o médico falou que ele tinha o pezinho torto. Até aí tudo bem. O diagnóstico logo depois que ele nasceu foi muito grosso e dolorido ao mesmo tempo. Soube que meu filho não andaria e nem comeria sozinho, devido à paralisia cerebral. Ninguém da minha família tinha uma reação e meu filho recebeu muito “não” quando nasceu. E ao chegar em casa, o que eu só sabia me perguntar era: por onde eu começo?

Outra médica que nos acompanhou de perto falou que precisaríamos de fonoaudióloga, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta e psicóloga. Nós não tínhamos convênio médico e, mesmo que entrasse com um, meu filho precisava de muita coisa. Então eu precisava de um lugar onde encontrasse tudo isso ou alguém que disponibilizasse essa ajuda. Mas sabíamos que isso seria extremamente difícil. E foi uns quatro depois que encontrei uma luz, um caminho para cuidar dessa parte minha que chamo de filho.

A Apae estava ali, tão perto de nós e eu tinha fechado meus olhos. Acredito que eu tenha sido afetada pelo preconceito pelo lugar, algo que impossibilita as pessoas de conhecerem as histórias e trabalhos lindos feitos por eles. Se eu tivesse ido antes, toda dificuldade e angústia teria diminuído. Meu filho poderia ter aprendido muito mais coisas que eu, com a minha incapacidade de lidar com a situação, não soube passar. Quando cheguei, eu estava muito para baixo e desorientada, mas quando conheci as profissionais da Apae meu coração aliviou-se. Meu filho passou por diversos testes e me alegrava ao ver seus primeiros avanços.

Nossa relação hoje com a Apae é só de gratidão. Aprendi a enxergar nas dificuldades uma possibilidade de fazer diferente. Ver o sorriso do meu filho entrando no ônibus foi a maior recompensa de todas. Interagir com as brincadeiras em casa - até parece algo bobo - mas me emociono quando ele consegue fazer qualquer coisa nova. E a minha família só se envolveu mais com as evoluções dele, ele sempre está nas festas e aniversários contagiando a todos. E não é só a criança ou o adulto que fica apaixonado pela Apae, a família também.

MEU LUGAR É AQUI

REDAÇÃO

É assim que José Edemar Benda, 52, responde quando perguntado se gostaria de ir para outro lugar. Com um sorriso sincero, ele justifica. “É que aqui eu tenho meus amigos e o artesanato, assim nunca me sinto só.”

Benda, como é chamado pelos colegas, já coleciona memórias sobre a Apae há 26 anos. Em uma roda com amigos é o centro das atenções. Segundo o mesmo, o talen-

to está na piada. “Se você está triste, eu posso te ajudar em poucos minutos”, garante. Ao olhar de longe, quieto e concentrado, pode até parecer tímido, mas a sua maior felicidade é arrancar gargalhadas.

Entre as mãos, segura uma fotografia antiga. Como era de costume: enfileirados e com expressão séria dois meninos nos encaram. “Sou eu e o meu irmão, a gente aprontava cada sacanagem”, começa rir ao lembrar. “Depois era só a cinta do meu pai esquentando o corpo”. Enquanto os outros colegas olham a pequena fotografia, o alegre Benda fica em silêncio. Quando as lembranças batem na porta

é difícil não se emocionar

“Não gosto de falar muito de mim, acho que já deu para perceber”, fala sem graça. Percebendo o jeito do colega, Pedro de Carvalho, 31, implica com seu time do coração. Quando o assunto é futebol, o corintiano já sabe decorado os momentos marcantes. Mas quando o time perde, não fale com ele. “Teve uma vez que nem dava para olhar para ele”, comenta o amigo.

As provocações entre os amigos eram tantas que até mandavam carta. “Era muito engraçado, chegavam aqueles recadinhos do nada”, fala o palmeirense. A amizade co-



meçou na Apae e segue até hoje nas brincadeiras, conversas e almoços na casa um do outro. “Gosto muito da amizade dele, a escola me trouxe só coisa boa”.

OS SONHOS

Benda é cadeirante desde os 22 anos, mas a cadeira de rodas não o preocupa mais. Foi através da Apae que ele aprendeu, em suas próprias palavras, a ter autonomia. “Eu acordo cedo e já me arrumo para aula”, conta. É no ônibus também que ele faz amizade com o motorista, o assunto vai desde novelas ao futebol.

Mas é nas oficinas de artesa-

nato que ele se encontra. As mãos habilidosas parecem nem sentir a agulha espetar enquanto puxa o fio. Os olhos concentrados não desgrudam do tapete até terminá-lo. O aprendizado é feito da mesma forma, o Benda aprendeu com um colega e, assim, foi passando adiante. Ao fundo toca uma música sertaneja, outra coisa presente na vida dele. “Não consigo ficar sem escutar um pouquinho, até canto junto”, diz.

O rádio também é companhia de Sueli Aparecida Groeber, 43, amiga de Benda há 26 anos. “Estudávamos na mesma sala, fui puxando assunto já que tínhamos algo em co-

mum”, recorda. Foi construindo essa relação que ambos se ajudam em momentos difíceis. “Eu sei certinho quando ele não está bem, aí vou lá e chamo para conversar.”

Indo com os colegas para mais um dia na Apae, Benda leva consigo os laços que construiu. “Me vejo em cada amigo que consegui aqui e se eles precisarem de algo não irei hesitar.”



HÁ 40 ANOS INSTRUINDO PARA VIDA

**ELIANE APARECIDA
RÚBIA MACHADO**

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, (Apae), 1954, surgiu com incentivo de famílias e simpatizantes do movimento em prol a deficiência. Caracterizada como uma organização social sem fins lucrativos, cujo o objetivo principal é promover a atenção integral as pessoas com deficiência intelectual e múltipla. O movimento apaeano destaca-se pelo pioneirismo, estando presente, atualmente, em mais de 2 mil municípios.

Fundada em 1978, a entidade de Rio Negrinho, contou com iniciativas de Orita Fernandes do Amaral e Paulo Beckert, prefeito na época, que doaram terreno e materiais para a construção. Com 96 alunos, atualmente, proporcionam ati-

vidades que buscam a reabilitação geral, como o convívio social e adaptação das habilidades ocupacionais. Que são divididas conforme a idade e nível intelectual do aluno.

A primeira etapa é estimulação precoce, onde é trabalhado com crianças de 0 a 6 anos. Elas são atendidas em três turmas, com 17 alunos, no período matutino e vespertino. Segunda a orientadora pedagógica, Adriana Pscheidt Maros, as aulas são alternadas. "Cada dia é feito um trabalho com apenas três alunos para que a professora possa atender as singularidades de cada um", comenta. Nessa fase não há oficinas de artesanato ou aulas de educação-física, o trabalho é realizado com especialistas como fonoaudióloga, fisioterapeuta e terapeuta ocupacional.

Segundo Daysi Raquel Arndt Linhares, 42, fonoaudióloga, é nessa fase que a pessoa com deficiência tem mais facilidade

de aprendizado. "Quando se é pequeno é tudo como uma esponja, ele só vai absorvendo", conta. "E com a fala isso não é diferente, é muito fácil perceber em um deficiente se isso faltou ao longo de sua vida".

A próxima etapa é com os alunos de 7 a 14 anos, que devido ao grau de deficiência continuam frequentando a unidade. Como essa é uma fase escolar, eles podem ser direcionados para o ensino regular, dependendo se a sequela não é grave. Com duas turmas, com 8 alunos, já são realizadas atividades de artes, educação-física, informática. O mesmo ocorre na fase seguinte, a de 14 a 17 anos. Acima dessa idade os alunos já podem escolher quais atividades pretendem realizar.

O Serviço de Atendimento Laborativo, (SAL), é feito com apoio pedagógico e busca estimular as habilidades artísticas. "São muitas atividades dedicadas a ocupar o tempo

UM LUGAR ESPECIAL

deles com qualidade, pois eles ficam o dia todo na escola”, ressalta a orientadora. Outras atividades desenvolvidas são as de práticas diárias, onde o aluno aprende a higienização e alimentação correta

Para a terapeuta ocupacional Daniela Pscheidt Behr, 32, são ações como essas que mostram a importância em valorizar a autonomia do deficiente. “Além de ensiná-los, nós pensamos também em maneiras de adequar o espaço e objetos para que ele tenha uma boa relação com seu corpo”, fala

Paralelo a esses grupos está o do Transtorno do Espectro Autista, (TEA). A Apae trabalha com 6 alunos, tendo as tarefas desenvolvidas com auxílio de 3 professoras. “Acredito que essa é uma das turmas mais desafiadoras de se trabalhar, pois sempre temos que estar estudando e remanejando atividades”, lembra Adriana.

EXISTE UM LUGAR QUE CONHECI HÁ POUCO TEMPO
NELE AS HORAS PASSAM RÁPIDO COMO O VENTO
E PENSO EM COMO É BOM VIVER ESSE MOMENTO
POIS A ALEGRIA INVADE CADA CANTO QUE VEJO

NESTE LUGAR EXISTEM PESSOAS DIFERENTES
UMAS MAIS NOVAS E OUTRAS MAIS EXPERIENTES
MAS TODAS PARTILHAM DE ALGO EVIDENTE
UM ABRAÇO CALOROSO QUE SE FAZ FACILMENTE

NESTE LUGAR PERCEBEMOS O PERFUME NO AR
HÁ NAS FLORES INSPIRAÇÃO PARA SONHAR
E NAS PESSOAS ENCONTRAMOS FORMAS DE AMAR
POIS AQUI SEMPRE HAVERÁ BONS DIAS PARA RELEMBRAR

NUNCA SE ESQUEÇA DOS SENTIMENTOS REUNIDOS
POIS ELE APARECERÁ EM CADA OMBRO AMIGO
ESTE LUGAR SE TORNARÁ MUITO MAIS QUE UM CAMINHO
É NAS PESSOAS E AMIGOS QUE ELE SERÁ COMO UM ABRIGO



PROFISSÃO: ORIENTADORA EDUCACIONAL

ADRIANA APARECIDA PSCHIEDT MAROS

POR RÚBIA MACHADO



COMO SE TORNOU ORIENTADORA?

Fui convidada para a orientação em maio de 2011, pois abriu uma vaga perante à Fundação, que é o órgão a que a gente responde. Aceitei o desafio, mas sabendo que era uma função que não seria fácil. Mas aceitei de coração e estou desde então na função.

E O QUE VOCÊ FAZ?

Meu trabalho, no primordial, é com os professores. Então, uma orientadora pedagógica tem a responsabilidade com todas as atividades deles, para que tudo que seja feito em sala tenha resultado positivos. E, além deles, eu trabalho com alunos e famílias. Situações extras ou diferentes, que não se aplicam à sala de aula, é a orientadora que responde. "Ah, preciso ir ao médico", eu encaminho. "A Regiane está passando mal", eu ligo para os pais. Mas o importante: esse trabalho é feito com toda uma equipe técnica de apoio, ou seja, todos os profissionais que estão na Apae.

VOCÊ GOSTA DO SEU TRABALHO?

Eu amo meu trabalho. Estou aqui há 17 anos e esse tempo

todo só mostra o quanto gosto. Sempre digo para os alunos que eles são como a minha segunda família, pois grande parte do dia passo com eles. Eu não gosto, eu amo meu local de trabalho.

VOCÊ TEM UMA ROTINA ESTABELECIDA?

Não, ela é feita conforme vão acontecendo as coisas. Não é algo que chego às 8 horas e vou ter programado tudo que vou fazer. Claro, se tenho algo preestabelecido, vou fazendo isso ao longo do dia. Tem muitas situações em que eu sento para fazer um relatório ou um planejamento para os professores. Porém, eu até tento sentar, mas como sou o ponto de muitas áreas da escola eu não consigo ter algo estabelecido.

JÁ QUIS TER OUTRA PROFISSÃO?

Então, desde que era menina eu dizia que seria professora. Acredito que nunca parei para pensar em outra profissão. Professora e orientadora está tudo interligado. Tanto é que fiz minha faculdade em Pedagogia e realizei a meu sonho de infância.

O QUE FEZ VOCÊ VIR TRABALHAR NA APAE?

Eu meio que caí de paraquedas na Apae. Eu cuidava de uma criança com deficiência que tinha ligação com uma profissional daqui. Surgiu a vaga e eu fui convidada por essa pessoa, essa foi a minha primeira experiência profissional na área. Eu iniciei as atividades em agosto de 2001 e desde lá não saí mais.

QUAL FOI O MOMENTO MAIS FELIZ QUE TEVE AQUI?

Não foi nem aqui na escola, mas está ligado aos alunos. Eu até me emociono quando conto. Eu tive a minha primeira filha e faltava um mês para eu voltar da licença maternidade. As professoras das oficinas ligaram e perguntaram se eu aceitava a visita deles. E é uma imagem que eu não esqueço: um ônibus estacionou na frente da minha casa e desceram 30 alunos. E isso, como vida profissional, foi o momento mais marcante que tive. Foi uma das visitas mais gostosas, que encheu a minha casa de alegria.

PATROCÍNIO



Caftor



GERMÂNIA
SUPERMERCADOS

comprevalle
compressores



Miller
Interiores

Amigos da estrada
CHURRASCARIA

TulipaBaby

HÜBLTEK
Metalúrgica 47.3644.2521

 **NR Office**

MADEIRADOS

